

## Egas Moniz e a leucotomia pré-frontal: ao largo da polémica

### POLÉMICAS

A polemização constitui um elemento comunicacional indispensável para a divulgação, aferição e desenvolvimento das teorias científicas, constituindo, por isso, um indicador do grau e do modo de inserção social dos cientistas e das instituições<sup>1</sup>.

Pondo em evidência a disponibilidade para o confronto de ideias, a polemização contribui para a comparação de múltiplas perspectivas, desenvolvendo, em princípio, o conhecimento produzido<sup>2</sup>. É o ambiente polemizador que favorece o desenvolvimento e aperfeiçoamento das formulações teóricas, estimulando e alargando a base da compreensão das matérias em foco<sup>3</sup>.

---

\* Doutorando da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Colaborador do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX.

<sup>1</sup> Dito de outro modo: «Um estudo da ciência sem um estudo das polémicas científicas não é um estudo da ciência tal qual se faz» (Dascal, 1999, p. 65)

<sup>2</sup> «De um lado, a polémica constitui o contexto (ou melhor, o ‘co-texto’) de diálogo que permite a compreensão do sentido e do alcance das teorias: as objecções e as críticas obrigam os cientistas a especificar e a determinar o que era implícito e impreciso nas suas formulações» (Dascal, 1999, pp. 68-69).

<sup>3</sup> «[...] science manifests itself in its history as a sequence of controversies; these are, therefore, not anomalies but the ‘natural state’ of science; controversies are the locus where critical activity is exercised, where the meaning of theories is dialogically shaped, where changes and innovations arise, and where the rationality or irrationality of the scientific enterprise manifests itself; for all these reasons, to ignore them in the philosophy and history of science is a capital mistake which must be corrected» (Dascal, 1997).

Revestindo as polémicas características diferenciadas, a distinção entre os seus modos de realização apresenta algumas dificuldades que procuramos suprir recorrendo à tipologia proposta por Marcelo Dascal<sup>4</sup>, que intenta reduzir a complexidade subjacente com três designações ideal-típicas. A sua proposta consiste em dividir as polémicas em três grupos — *disputas*, *discussões* e *controvérsias* —, consignando a cada uma dessas categorias um conjunto preciso de características, sem prejuízo de essas categorias podem surgir simultânea e combinatoriamente em cada caso concreto<sup>5</sup>.

Resumindo: enquanto as *disputas* têm por objectivo *vencer* uma querela recorrendo predominantemente ao *estratagema* como meio de persuasão e não podem terminar senão pela intervenção exterior à contenda, as *discussões* visam predominantemente *determinar a verdade* da ou das questões em foco, preferindo a *prova* para as dirimir, e findam quando, de modo satisfatório para as partes envolvidas, tal prova é produzida. Entre ambas, a *controvérsia* aspira ao *convencimento* dos contendores, recorrendo sobretudo ao *argumento* para fazer valer as suas teses.

O carácter obstinado e inflexível da *disputa*, demasiado condicionado por factores extracientíficos, por oposição à frontalidade e à racionalidade meridiana da *discussão*, funciona no esquema *dascaliano* como dois extremos de um *continuum* em cujo intervalo surge a *controvérsia*, historicamente mais frequente, mais estimulante, extensa, demorada, difícil de dirimir, dado o alargamento sucessivo do seu âmbito.

É a esta modalidade específica de polémica que é atribuído o valor máximo de virtudes culturais e científicas para gerar um ambiente propício à criação e apuramento de novas teorias<sup>6</sup>. A tese da indispensabilidade da *controvérsia* para viabilizar e estimular o «desenvolvimento da ciência» pressupõe a adesão a certos valores e a adopção de dados procedimentos. Se não se reunirem, em circunstâncias felizes, tais valores e procedimentos, as polémicas dificilmente encontram condições para despontarem.

A valorização dos comentários dos pares, a atribuição de pertinência às questões colocadas por cientistas de outras disciplinas ou às interrogações e dúvidas de não cientistas são pressupostos básicos para que, cientistas ou não, aceitem explicitar, esclarecer, desenvolver as suas teses, visando melhorar as formulações anteriores, tornando-as mais claras e acessíveis. Isto

---

<sup>4</sup> Dascal (1999 e 1997).

<sup>5</sup> «Na verdade, toda a polémica real comporta uma certa mistura dos três tipos ideais, sem que isto diminua a utilidade analítica destes» (Dascal, 1999, p. 71).

<sup>6</sup> «Controversies are indispensable for the formation, evolution and evaluation of (scientific) theories, because it is through them that 'serious' criticism — i. e., the kind that allows for engendering, improving and controlling both the 'well-formedness' and the 'empirical content' of scientific theories — is performed (Dascal, 1997).

envolve a adopção de valores na perspectiva dada por diferentes autores a certos aspectos da cultura e da ética dos cientistas<sup>7</sup>, por um lado, e, por outro, abraça também a adesão a processos e estilos de polemizar, dentro e fora da academia, tanto em publicações especializadas de circulação limitada como nos *media* generalistas.

A inclinação para comunicar (resultados, avaliações, teorias, comentários, etc.) de modo a beneficiar a «colectividade» pode ser expressa nos próprios termos em que Merton explica o conteúdo do conceito e a flutuação linguística da designação mais de perto relacionada com a predisposição para o esclarecimento público<sup>8</sup>.

Outras formulações são também consignadas como caracterizando as normas e valores da acção social dos cientistas e das suas instituições (v. segunda parte da nota 9), mas a da *comunalidade* (*communality*) surge sempre associada a valores orientados para comunicar, pôr em comum, fazer beneficiar a sociedade com os resultados do trabalho dos cientistas.

A observância da norma da *comunalidade*, ainda que plenamente conseguida, não evitaria que outros valores e tendências pervertessem a avaliação do mérito relativo e absoluto do trabalho científico (v., por exemplo, o «efeito Mateus»<sup>9</sup>), mas tal não retira à norma e aos valores a ela associados um sentido de «função» positiva na ordem civilizacional.

---

<sup>7</sup> *Comunismo* (v. nota seguinte), *desinteresse, universalismo e cepticismo organizado*, valores associados ao *ethos* científico (Merton, 1973); *universalismo, neutralidade emocional, racionalidade, individualismo, comunalidade e desinteresse* (Ben-David e Sullivan, 1975, p. 205).

<sup>8</sup> «That crucial element of free and open communication is what I have described as the norm of «communism» in the social institution of science-with Bernard Barber going on to propose the less connotational term ‘communality’. Indeed, long before the nineteenth-century Karl Marx adopted the watchword of a fully realized communist society — ‘from each according to his abilities, to each according to his needs’ — this was institutionalized practice in the communication system of science. This is not a matter of human nature, of nature-given altruism. Institutionalized arrangements have evolved to motivate scientists to contribute freely to the common wealth of knowledge according to their trained capacities, just as they can freely take from that common wealth what they need. Moreover, since a fund of knowledge is not diminished through exceedingly intensive use by members of the scientific collectivity-indeed, it is presumably augmented that virtually free and common good is not subject to what Garrett Hardin has aptly analyzed as ‘the tragedy of the commons’: first the erosion and then the destruction of a common resource by the individually rational and collectively irrational exploitation of it» (Merton, 1988, p. 620).

<sup>9</sup> «[...] the Matthew effect is the accruing of large increments of peer recognition to scientists of great repute for particular contributions in contrast to the minimizing or withholding of such recognition for scientists who have not yet made their mark. The biblical parable generates a corresponding sociological parable. For this is the form, it seems, that the distribution of psychic income and cognitive wealth in science also takes» (Merton, 1988, p. 609).

Historicamente, a criação das condições viabilizadoras dessa abertura comunicacional dos cientistas remonta, de acordo com estudos conhecidos, ao século XVII:

[...] in our brief study of the evolution of the scientific journal as a sociocognitive invention, Harriet Zuckerman and I have taken note of how Henry Oldenburg, the editor of the newly invented *Transactions of the Royal Society* in seventeenth-century England, induced the emerging new breed of scientist to abandon a frequent long standing practice of sustained secrecy and to adhere instead to «the new form of free communication through a motivating exchange: open disclosure in exchange for institutionally guaranteed honorific property rights in the new knowledge given to others»<sup>10</sup>.

A mudança que se foi operando neste plano tem, pois, a ver com o carácter da apropriação dos resultados do trabalho científico, as garantias institucionais de autoria, os valores que assistiam quer à precaução individual que os cientistas tomavam, reservando a publicidade aos resultados dos seus trabalhos, quer ao carácter social que assumiam, estimulando a produção material, em geral, e a produção imaterial de novos conhecimentos.

## IDEOLOGIAS DA CIÊNCIA

Duas ideias maiores se destacam no rol de argumentos que confortam a tendência para subavaliar os eventuais impactos negativos de qualquer experimentação em curso.

A *primeira* é a que propõe um sistema de valores em que aquilo que denomina «progresso científico», «avanço da ciência» ou «novas descobertas» surge *supra-ordenadamente* como elemento justificador de todos os sacrifícios e danos colaterais. Em conformidade com essa ideia, tudo se deveria subordinar à promessa ou à expectativa da aquisição de mais e melhores conhecimentos científicos. Subjacente está a avaliação subliminar das perdas e danos, que, comparados com a grandiosidade da aquisição de novos conhecimentos científicos, devem sempre ser desvalorizados e/ou relativizados.

A *segunda* ideia é a de que a utilização dos conhecimentos adquiridos não deve nem pode ser travada, designadamente no que se refere à produção de novas tecnologias ou novos processos de produção de bens materiais e imateriais. Estaríamos, pois, destituídos de livre arbítrio face à imparável torrente pré-inscrita em nós como um programa cujas possibilidades de condicionamento nos escapam.

Estas duas ideias estão presentes em numerosos casos, entretanto objecto de estudo, quer no domínio da experimentação humana (psicocirurgia<sup>11</sup>, por exemplo), quer noutros domínios (experimentação geofísica de grande magnitude<sup>12</sup>, gestão de resíduos, BSE, etc.<sup>13</sup>). A viagem histórica dessas duas ideias precede, evidentemente, os casos referidos e prolonga-se na actualidade, assumindo novas expressões, mas mantendo os núcleos de características essenciais<sup>14</sup>.

Dada a indemonstrabilidade de ambas (a da *supra-ordenação* e a da *inevitabilidade*), tais postulados passaram a revestir o aspecto de ideologias<sup>15</sup> consensuais, quer para cientistas, quer para não cientistas, justificando *a priori* quaisquer danos, independentemente da natureza ou carácter, e explicando, independentemente do êxito dos resultados propostos, a necessidade imperiosa de prosseguir.

A estrutura da primeira ideia (*supra-ordenação*) implica uma orientação *cienticista*, associada a uma concepção hierárquica dos saberes científicos (entre eles) e não científicos, desvalorizando todas as teorias que carecem de verificação experimental.

O travejamento da segunda (a da *inevitabilidade*) obedece à dinâmica autonomizadora<sup>16</sup> e aos constrangimentos aceleracionistas<sup>17</sup>, apresentando o devir histórico como uma realização automática, cuja lógica pode eventualmente ser intuída e parcialmente descrita, mas dificilmente condicionada ou alterada.

---

<sup>11</sup> As controvérsias que rodearam a ascensão e declínio das práticas psicocirúrgicas estiveram, a par de outros factores, na génese e afirmação da bioética enquanto resposta ao descontrolo e alarme ontológicos (Reich *et al.*, 1982, p. xv, *cits.* por A. Fernando Cascais, 2002, pp. 47-136).

<sup>12</sup> As linhas gerais do projecto científico podem ser conferidas em «Projecto COMBO» (Correia, 2000, pp. 231-241).

<sup>13</sup> Para uma resenha de questões objecto de polémicas públicas de base científica, consultar, por exemplo, as publicações organizadas por Maria Eduarda Gonçalves (2000 e 2002).

<sup>14</sup> Sobrevivendo às clivagens convencionais, como as que distinguem, por exemplo, o antes e o depois do nazismo. Recordo a este respeito a crítica do cesurismo feita por Hermínio Martins (1996, pp. 151 e segs.).

<sup>15</sup> « [...] a comunidade científica, tal como todas as colectividades, dá origem a crenças partilhadas acerca das implicações morais, culturais e sociais das suas actividades, que podem ser descritas como valores e normas morais da ciência; mas, uma vez que os valores e as normas se relacionam de perto com as ideologias, deparamo-nos com a conclusão paradoxal segundo a qual a ciência tanto proporciona o padrão em cujos termos as «ideologias» são determinadas como possui ela própria uma carga ideológica» (Martins, 1996, pp. 45-46).

<sup>16</sup> Nomeadamente no sentido de «desvio factício», que José Luis Garcia destaca, cotejando contributos de Simmel para a crítica da tecnologia (Garcia, 2003, pp. 107 e segs.).

<sup>17</sup> Hermínio Martins discute extensivamente as «variedades do aceleracionismo», explorando as dimensões experimentalistas, tecnológicas e trans-humanas (Martins, 2003, pp. 21 e segs.).

A articulação destas duas ideias, quando tomadas como expoentes na constituição da identidade dos cientistas, produz condições favoráveis ao evitamento do contraditório, da discussão pública e da polémica, à desvalorização de quaisquer imperativos éticos e ao fechamento corporativo, que inibe qualquer esboço de exame crítico.

A exacerbação e o isolamento sistémico das duas ideias referidas tendem a provocar a indisponibilidade dos cientistas e das instituições a eles ligadas para o esclarecimento público ou para a discussão de aspectos dos seus trabalhos em moldes polémicos, sendo a referida desvalorização dos imperativos éticos uma extensão desse fechamento.

*Em primeiro lugar*, o postulado de que o saber científico ocupa, na escala hierárquica dos saberes, um lugar subordinante veio introduzir uma fractura clandestinizadora das trocas implícitas e explícitas entre todas as esferas do saber, exclusora de complementaridades e desprezadora dos fundamentos da ética. Se, por um lado, a convicção de que a ciência está no topo da pirâmide do conhecimento inferioriza os restantes modos de produção de saber (ético, estético, tácito, técnico), por outro lado, a comunicação com os não cientistas só faz sentido na medida em que servir para lhes impor o padrão científico do conhecimento, endoutrinando-os, velando pela assimilação tão perfeita quanto possível das teses científicas correntes.

Quanto mais intensa é a convicção decorrente desse lugar imaginariamente cimeiro que a ciência ocupa, mais reduzida (para não dizer nula) se vê a vantagem proveniente de alinhar por princípios que não podem ser submetidos à prova laboratorial ou de discutir (dialogar) com pessoas e entidades cuja formação intelectual não é, à luz desses critérios, relevante.

*Em segundo lugar*, a explicação das escolhas e orientações que têm lugar na sociedade por princípios intangíveis, automatizados, insusceptíveis de alteração, condicionamento ou moderação, remete para uma espécie de cumprimento de um ritual teleológico que torna inútil não apenas atender às vozes críticas que não se conformam com semelhantes crenças finalistas, como também entende ser vã a cedência a quaisquer tentações de polemizar acerca do que presumivelmente se vai cumprindo num curso inexorável. Este leque de consequências afecta a relação de cientistas com não cientistas, não deixando, todavia, de se repercutir no interior das próprias comunidades científicas, modulando o grau de disponibilidade e empenho para a participação em actividades que envolvam exposição ao contraditório. A posição sobranceira da ciência na hierarquia dos saberes, em conjugação com as teses da inevitabilidade e do automatismo dos processos, esvazia de sentido tudo o que não assegure a consagração da ciência nesses precisos termos.

Deste modo, a conjugação das duas ideias, numa espécie de complexo de *1202 farol* (a ciência como supraplataforma do saber, não apenas acima dos

outros saberes, mas iluminando-os igualmente), constituiu-se em elemento integrante da cultura científica sustentado ideologicamente pelo credo de uma estirpe intelectual separada epistemologicamente das restantes<sup>18</sup>.

## DA ANGIOGRAFIA À LEUCOTOMIA

A vida e a obra de Egas Moniz tiveram, de um modo geral, um eco favorável na imprensa portuguesa. Com excepção da importante dimensão política da sua biografia, que deliberadamente minimizou<sup>19</sup>, todos os momentos altos da sua carreira científica foram objecto da atenção reverencial dos principais órgãos de informação à data. Costuma anular-se esse quadro de facilidade mediática com a proibição de *A Vida Sexual*. Todavia, não se tratou propriamente de uma proibição *stricto sensu*. Houve no puritanismo salazarista uma precaução que conduziu, neste caso, a uma censura selectiva, permitindo que o livro circulasse *controladamente* em bibliotecas e farmácias<sup>20</sup>.

Para além das notícias e alguns extractos de alocações daquele que veio a ser também presidente da Academia das Ciências de Lisboa, a imprensa de então assinalou com cobertura generosa o anúncio da arteriografia cerebral (mais tarde angiografia), em 1927, a leucotomia pré-frontal, em 1935, o atentado que gravemente o vitimou, em 1939, para além de outros apontamentos noticiosos. O prémio Nobel foi evidente e justamente destacado em toda a imprensa da altura.

Os resultados das duas principais investigações a que Egas Moniz se consagrou foram celebrados como descobertas científicas, altamente valorizadas e objecto de explicações várias com o concurso do próprio cientista.

Por outro lado, a produção bibliográfica de Egas Moniz, científica e de outros géneros — do ensaísmo literário às comunicações de recorte panfletário —, constitui um campo de intervenção e de expressão que lhe permitiu a construção de uma notoriedade cuja importância para a estratégia de projecção da sua imagem era fundamental.

Moniz compreendeu a tempo que a reputação de um grande homem de ciência teria de transcender as fronteiras nacionais. A sua experiência política, adquirida no âmbito das relações internacionais e dos seus estíjios em

---

<sup>18</sup> «For they are *latent*, not manifest, social problems, that is, social conditions and processes that are at odds with certain interests and values of the society but are not generally recognized as being so» (Merton, 1988, p. 615).

<sup>19</sup> V., entre outros, Pereira e Pita (2000) e Correia (2004 e 2005).

<sup>20</sup> «Para ler o seu livro [*A Vida Sexual*] na Biblioteca Municipal desta cidade [Porto] nos finais dos anos cinquenta eu tinha de mostrar o cartão de estudante de medicina para o poder requisitar. Só dessa maneira! E eu era maior e vacinado, como certamente os funcionários observavam. Mas tinham ordem para isso!» (Milheiro, 1999, p. 33).

França, proporcionou-lhe uma informação largamente satisfatória do modo de funcionamento do sistema científico da Europa ocidental, com as suas comunidades articuladas em escolas, academias e publicações de circulação internacional. Quanto a isso, Moniz não tinha a mínima hesitação.

A arteriografia cerebral, cuja divulgação intempestiva visou claramente o assentamento público da autoria, não deixa margem para dúvidas. Egas Moniz seguia uma estratégia criteriosamente gizada. Essa estratégia consistia em potenciar ao máximo a projecção internacional dos seus feitos médico-científicos, proporcionando-lhe a notoriedade necessária para alargar a sua influência e a sua consagração mundial.

O desiderato do prémio Nobel surge praticamente com o êxito do que viria a ser, de aperfeiçoamento em aperfeiçoamento, a angiografia cerebral.

As duas primeiras nomeações são fundamentadas na angiografia (1928 e 1933<sup>21</sup>) e a nomeação seguinte, em 1937, apresenta como razões de mérito a angiografia e a leucotomia pré-frontal. A nomeação seguinte foi escorada exclusivamente na leucotomia, e foi Walter Freeman quem tomou a iniciativa de o nomear<sup>22</sup>. Finalmente, em 1949, nomeado por nove outros cientistas<sup>23</sup>, viu ser-lhe atribuído, *ex aequo* com Rudolph Hess, o Prémio Nobel da Medicina ou Fisiologia pelo valor terapêutico da leucotomia no tratamento de «certas psicoses». Tinha então 75 anos. O estado de saúde não aconselhava que se deslocasse à Escandinávia para receber o prémio. Acabou por recebê-lo na sua residência de Lisboa das mãos do embaixador da Suécia em Portugal. O galardão coroou com uma distinção difícil de igualar uma carreira científica e clínica cruzada aqui e acolá por *surdas controvérsias*, mas com óbvia e generalizada relevância.

## CONTESTAÇÃO

As primeiras vozes discordantes que se pronunciaram sobre a psicocirurgia vieram de dentro das comunidades em que os próprios neurologistas estavam inseridos. Essas oposições tiveram a vantagem de constituírem observações fundamentadas e autorizadas, porém, ao mesmo tempo, esgotaram o respectivo impacto crítico nos meandros dos jogos de poder e influência internos.

---

<sup>21</sup> Vols. de 1928 e 1933, Comité Nobel, Karolinska Institutet.

<sup>22</sup> Vol. de 1944, Comité Nobel, Karolinska Institutet.

<sup>23</sup> Ernesto de Sousa Santos (São Paulo), Jayme Regallo Pereira (São Paulo), A. J. Pereira Flores (Lisboa), Henrique de Barahona Fernandes (Lisboa), R. Locchi (São Paulo), J. A. M. Loureiro (Lisboa), Leonardo de Sousa Castro Freire (Lisboa), E. Buach (Copenhaga) e A. Celestino da Costa (Lisboa) (arquivos Nobel, vol. 1948-1949, gr. IV, pp. 43-65).

Apesar de raros nas ciências sociais, podemos constatar até finais dos anos 80 do século passado sinais de estranheza, mesmo indirectos, que aludem a práticas psicocirúrgicas com evidente reserva e distanciamento<sup>24</sup>.

No caso português, Sobral Cid, psiquiatra e amigo pessoal de Egas Moniz, atalhou sem ambiguidade<sup>25</sup>. Para ele, é o estado de *apatia acinética* que dá a impressão de melhoramento mental após a leucotomia. Sustenta, do mesmo passo, que se trata de uma *terapêutica puramente sintomática*, supressora dos *estímulos endógenos*. E, dado o fundamento da sua convicção, coloca a questão também no plano ético e deontológico:

[...] on peu se demander si on a le droit d'infliger au malade une mutilation centrale si considérable, pour le délivrer d'un syndrome psychotique qui est curable par sa nature et qui aurait spontanément guéri en quelques mois<sup>26</sup>?

Todavia, com excepção de uma referência que Moniz lhe faz, em carta enviada a Walter Freeman<sup>27</sup>, dando a entender que havia uma espécie de má fé disfarçada na sua recusa em lhe fornecer pacientes para poder, com Almeida Lima, prosseguir a série de neurocirurgias que havia planeado, não se lhe conhece outra alusão à oposição do seu amigo e par científico.

Quanto a Freeman, a sua obstinação conseguiu relativizar, até aos anos 60 do século passado, as recomendações e pareceres negativos de inúmeros dos seus pares<sup>28</sup>.

---

<sup>24</sup> É o caso de Hermínio Martins, que, apontando a acentuação das tendências para a hospitalização e a medicalização, escreve: «[...] the intervention of 'medical apperception' (the best translation I can offer for Foucault's famous phrase 'Le regard médicale') in the consideration of human crises or the increasing scope of medical definitions of human reality, predicated in a sense of legitimacy sui generis, of biomedical science and a very fast tempo of advance in curative medicine (through medical interventionism is not uniquely related to prevalence of instrumental activism in the general values system, as the example of British predilection for psychosurgery or the Brazilian medical emphasis on caesarian births indicate)» (Martins, 1983, p. xii).

<sup>25</sup> Sobral Cid, em reunião da Sociedade Médico-Psicológica de Paris (sessão de 26 de Julho de 1937), após ouvir exposição de Diogo Furtado, da equipa de Egas Moniz, acerca das vantagens e promessas da leucotomia pré-frontal, manifestou-se meridianamente em desacordo, apresentando uma curta comunicação intitulada «La leucotomie pré-frontale» (Sobral Cid, 1983, pp. 265-269).

<sup>26</sup> Sobral Cid (1983), pp. 268.

<sup>27</sup> Trata-se de uma carta que Moniz escreveu a Freeman em 1946 na qual se queixa da falta de colaboração e animosidade de Sobral Cid, alegando, na sua versão, que haveria, da parte de Sobral Cid, uma reacção motivada quer pelas diferentes concepções do funcionamento cerebral que os separavam, quer pelo melindre resultante de Moniz *invadir o território psiquiátrico* do colega (Morgado Pereira, 2000, p. 157). Detenho-me, mais adiante, aprofundando a leitura desta mesma carta.

<sup>28</sup> El Hai (2005), pp. 138-140.

Num contexto em que os psicotrópicos pareciam alcançar os mesmos resultados que a psicocirurgia supostamente conseguia, sem os riscos que esta sempre comportou, para lá da campanha pública e mediática que subia de tom, tornou-se mais evidente que as práticas de Freeman (e de outros, mas Freeman foi e é também aqui utilizado como personalidade paradigmática) configuravam um desvio insustentável ao conjunto de imposições técnicas, científicas e deontológicas que o «ambiente operatório» por excelência ligado ao «bloco operatório» ou à «sala de operações» crescentemente representava para a neurocirurgia<sup>29</sup>.

Além do mais, a fragilidade das bases teóricas, a imprecisão dos procedimentos e as diferentes interpretações dos resultados obtidos consolidaram uma dúvida que acompanhou até aos dias de hoje a história da psicocirurgia<sup>30</sup>. Tratar-se-ia de uma intervenção com fins terapêuticos bem estabelecidos ou resvalaria para um híbrido semiexperimental, semiterapêutico? A suspeita foi-se adensando de tal modo que, há menos de três anos, num relatório emitido pelo Comité Consultatif National d'Ethique pour les Sciences de la Vie et de la Santé, afirmava-se que tais práticas eram passíveis de serem classificadas, simultaneamente, como *investigação experimental e terapêutica*<sup>31</sup>.

Na única circunstância pública de vulto em que aceitou discutir as críticas que lhe eram dirigidas de vários quadrantes, a propósito de diferentes entendimentos acerca dos resultados da leucotomia pré-frontal, Egas Moniz ignorou por completo as reservas que lhe tinham sido endereçadas por alguns dos seus pares e concidadãos. Preferiu o pretexto oferecido pela série de artigos e depoimentos que o *Figaro Littéraire* havia publicado acerca da leucotomia. A iniciativa tomou a forma de um texto que saiu do prelo cerca de um ano antes de nos deixar<sup>32</sup>.

Aí confirma o seu regozijo na ligação com Freeman e Watts:

[...] até que, do outro lado do Atlântico, a obra excelentemente documentada dos professores Freeman e Wats lançou definitivamente a nossa intervenção como tratamento vantajoso de certas psicoses<sup>33</sup>.

---

<sup>29</sup> O aventureirismo ambulatório de Walter Freeman contrastava com a tendência apontada, por exemplo, por Charles Y. Liu e Michael L. J. Apuzzo sobre o assunto (Liu e Apuzzo, 2003).

<sup>30</sup> «Se é bem verdade que o tempo veio a confirmar que a leucotomia pré-frontal era um equívoco científico e até ético, sobretudo pela forma como alguns seguidores de Moniz se apropriaram e abusaram desta técnica, só é possível no entanto um julgamento crítico correcto do desenvolvimento dessa técnica através da reposição da verdade factual» (Castelo Branco, 2000, p. 129).

<sup>31</sup> AAVV. (2002).

<sup>32</sup> Moniz (1954).

<sup>33</sup> Id., *ibid.*, p. 8.

colocando-se, ao mesmo tempo, num plano retoricamente distanciado e desapaixonado, como era próprio de alguém que, tendo concluído uma obra notável, se prestava, finalmente, a uns quantos esclarecimentos laterais, bonómica e serenamente:

A razão da presente exposição vem da leitura do «Figaro Littéraire» que ultimamente me veio à mão e que, em três números seguidos, mostrou o interesse que o assunto tem despertado nos meios cultos. Resolvi juntar neste relato as opiniões dos que ultimamente têm apreciado a leucotomia sob o aspecto médico, filosófico e teológico, este de grande importância no campo religioso.

Serei afinal — colecionador de opiniões de grandes escritores, a que apenas juntarei um ou outro pequeno comentário<sup>34</sup>.

No entanto, após um curioso exercício de desvalorização de praticamente todas as críticas baseadas no comportamento pós-operatório dos leucotomizados, Moniz escudava-se na citação de autores favoráveis à psicocirurgia contra outros que levantavam objecções:

O «não» formal, pronunciado por certos psiquiatras, filósofos e padres [à questão «Tem o neurocirurgião o direito de proceder a esta transformação?»], não se baseia sobre argumentos científicos, deriva da mística. Por medo ou por pudor, estes detractores da Psicocirurgia empregam a palavra «personalidade» de preferência à palavra «alma», porque os seus argumentos chocariam com a convicção de uma dualidade de alma e corpo<sup>35</sup>.

Não obstante, já em 1933 eram do conhecimento dos neurologistas as disfunções de vária ordem que costumavam seguir-se a esse tipo de intervenções cirúrgicas. Um exemplo das consequências que se poderiam produzir no plano social levaria, por exemplo, o neurocirurgião Percival Bailey a confidenciar:

Hesitei antes de amputar um lóbulo frontal [para a extracção de um tumor]. Esta operação é sempre seguida de uma alteração mais ou menos importante do carácter e de um défice de capacidade intelectual. Isto pode ter pouca importância numa lavadeira, mas, se o paciente é um homem de negócios, que toma decisões que interessam a numerosas pessoas, estes efeitos podem ser desastrosos<sup>36</sup>.

---

<sup>34</sup> Id., *ibid.*, pp. 9-10.

<sup>35</sup> Id., *ibid.*, p. 26.

<sup>36</sup> Cit. por Marc Jeannerod (2000, pp. 79-80).

O forte consenso institucional e as grandes expectativas quanto à possibilidade de um desenvolvimento assombroso no conhecimento e controlo do cérebro e do comportamento humanos permitiram a generalização das práticas psicocirúrgicas em grande escala.

A opção do autor de «A leucotomia está em causa» pela associação implícita de «psiquiatras, filósofos e padres», tal como a conotação que vislumbra entre «personalidade» e «alma»<sup>37</sup>, comprovam a exímia retórica de Moniz, deixando, deste modo, implícito, sugerido, o que, em carta a Walter Freeman oito anos antes, explicitou à saciedade a propósito das críticas que o seu amigo Sobral Cid lhe havia endereçado. Isto demonstra que, em matéria de elucidação pública de contributos críticos, Egas Moniz tendia a escamotear sistematicamente a formulação das teses contrárias, tal como as respectivas origens. Em matéria de discussão pública, sempre que possível, Moniz passava ao largo.

## AO LARGO DA POLÉMICA

A inexistência de condições gerais favoráveis à polemização e o preconceito de acordo com o qual nenhuma mais-valia poderia advir da discussão pública ou privada dos impactos negativos que alguns neurocientistas apontavam, opacificaram os processos de avaliação dos resultados operatórios e retardaram nefastamente a discussão serena e informada acerca da psicocirurgia e das suas implicações.

Em carta de 9 de Julho de 1946, Moniz responde à questão que Freeman lhe coloca: «Porque é que em Portugal, onde nasceu a leucotomia pré-frontal, não seguiu a sua prática no ritmo acelerado que era de esperar<sup>38</sup>?»

O neurologista português avisa o seu colega e amigo americano de que tem no prelo as «Confidências de um Investigador Científico», mas que, mesmo que a censura lhe deixe o texto intacto, algumas das revelações que lhe vai fazer não poderiam, obviamente, figurar no volume a publicar<sup>39</sup>.

Relata então o ambiente de opressão que a ditadura impõe ao país, com o cerceamento das liberdades e o sectarismo verificado no modo selectivo que os apoios oficiais revestiam. Acrescenta um apontamento acerca da «má vontade» e implícita «inveja» de muitos colegas e descreve as condições

---

<sup>37</sup> V. anterior nota 37.

<sup>38</sup> Rocha Melo (2000), p. 113.

<sup>39</sup> A referida carta de Egas Moniz a Walter Freeman (9-7-1946), aludida e citada doravante, que reproduz a comunicação em que Sobral Cid manifesta as suas reservas contra a prática da leucotomia pré-frontal (26-7-1937), já anteriormente respigada, foram publicadas na íntegra por A. Rocha Melo (2000, pp. 113-124).

precárias das instalações hospitalares onde exerceu clínica (e de que também foi director). Porém, a parte substancial da carta é a que, finalmente, dedica ao seu desentendimento com Sobral Cid. Dado que o tema epistolar dominante é o das razões que explicam a magra prática da leucotomia pré-frontal no país que a viu nascer, o *factor Sobral Cid* sobreleva, em detalhe e *momentum*, os restantes de que até aí se ocupara.

O objectivo central de Moniz é revelar a Freeman como os obstáculos que Cid lhe colocou à prática da leucotomia, recusando ou demorando o «fornecimento» de «material» para leucotomizar, atrasaram irremediavelmente o *score* de leucotomias em Portugal.

A implícita decisão de limitar à esfera privada a troca de argumentação com o seu colega e amigo Cid está patente no silenciamento público (absoluto, suponho), dentro e fora das comunidades científica e médica, desde meados de 1937 (cerca de nove anos antes da carta a Freeman que vimos cotejando) e até ao final da sua vida, apesar da extraordinária oportunidade que criou para o fazer, ao elaborar, em 1954, o desagravo intitulado «A leucotomia está em causa»<sup>40</sup>.

Sobral Cid morreu em 1941. Assim, é apenas cinco anos após o desaparecimento do seu amigo e colega que Moniz, na instância da correspondência privada, se dispõe a discorrer acerca da contraposição de um dos seus pares mais qualificados.

Com este gesto, Moniz deixa claro, em maré de confidências, que sempre desvalorizou as reservas colocadas à prática da psicocirurgia, preferindo-lhes a interpretação que ele próprio fazia dos resultados alcançados.

Abstraindo o emaranhado de comentários mordazes e insinuações supostamente neutralizadas por protestos de estima e crença na boa fé do seu amigo Sobral Cid, Moniz descreve o aparente ponto de ruptura:

Os dois homens que Sobral Cid me enviou, um com parafrenia expansiva e confabulatória, colheram melhoras, mas, passadas semanas, com regressão ao estado anterior, consoante me informou Sobral Cid, pois voltaram para o asilo, onde os não segui.

Aqui deu-se uma paragem na remessa dos casos. Desde essa época, para obter um doente era necessário ir ao asilo nove ou dez vezes procurar Sobral Cid e instar com ele para me enviar mais enfermos mentais. Dava-me a desculpa de só querer enviar doentes com as histórias completas; mas as observações não se adiantavam e eu consumia a minha paciência nestas peregrinações<sup>41</sup>.

---

<sup>40</sup> Moniz (1954).

<sup>41</sup> Rocha Melo (2000), p. 117.

A seguir, Moniz relata um momento de troca de propósitos que considera típico da argumentação de Cid, exemplificando a forma como desvalorizava as observações do amigo e colega:

E assim enviou-me quatro doentes que reputava incuráveis, para os primeiros ensaios, de acordo com o meu desejo. Quando, porém, examinei o primeiro doente, tive de reconhecer que havia melhoras. Desde esse momento, tomou uma atitude parcial, hostil.

— As melhoras são superficiais — dizia-me —, o fundo psicótico permanece inalterável.

E perdíamos-nos na discussão, embora amigável, desta e doutras questões que eu considerava como ninharias; pois, fundamentalmente, ambos reconhecíamos melhoras na conduta de alguns operados e até progressivas em dois ou três operados mais tarde. Contudo, Sobral Cid acabava por os classificar «no mesmo estado»; embora — e já era grande concessão! — a atitude de momento desses doentes fosse mais calma.

Verifiquei que só a muito custo teria a continuação da sua prometida colaboração<sup>42</sup>.

Após a *matéria de facto*, Moniz explica a Freeman que as diferenças face a Sobral Cid são ainda mais profundas; de teor paradigmático:

[...] Sobral Cid era da escola psicopatológica e a ciência deste ramo, ao tempo o mais importante da psiquiatria alemã que dominava entre nós, não estava de acordo com as doutrinas excessivamente organicistas em que se apoiavam os nossos trabalhos. Eu limitava as psicoses à alteração do funcionamento das células cerebrais, das suas conexões e das múltiplas influências orgânicas que sobre elas actuam. Pelo contrário, os que seguiam orientação diversa consumiam o tempo na esterilidade das descrições e interpretações psicopatológicas. Essas excessivas e morosas minúcias pouco a pouco dominavam a actividade dos psiquiatras que acabavam por não compreender as doutrinas simplistas dos organicistas.

Quase nos divide um fosso inacessível<sup>43</sup>!

Três parágrafos depois, Moniz acrescenta uma nota humorística:

Dizia-me alguém que em certa clínica alemã, ao tempo de nomeada, que frequentara (em campo oposto à de Kleist de Francfort, de tendência nitidamente organicista), quase era proibido falar do cérebro! O encadeamento dos fenómenos psíquicos, a sua interpretação num campo de discussão filosófica e extramédica, era a base do ensino ali professado.

---

<sup>42</sup> Id., *ibid.*, p. 118.

<sup>43</sup> Id., *ibid.* p. 119.

Sobral Cid, influenciado por estas doutrinas, sentia, no fundo, uma íntima repulsa pela maneira como eu via o problema psicótico, muito objectivamente; apenas através das células nervosas e dos seus dendridos e cilindros eixos<sup>44</sup>.

No passo seguinte, Moniz reproduz, na íntegra, a comunicação feita por Sobral Cid em Paris, na Sociedade Médico-Psicológica. Após desfazer uma das linhas de argumentação que a comunicação carrega, Moniz obtempera:

Mas não é oportuno discutir a exposição de Sobral Cid, cuja atitude vem sendo apreciada na história íntima que lhe tenho descrito e que influiu na diminuta expansão da leucotomia em Portugal<sup>45</sup>.

Tendo recusado polemizar com Sobral Cid em vida deste, a aparente (re)encenação de uma polémica em que Moniz é o sobrevivente que distribui os papéis desempenhados por ele próprio e pelo fantasma do seu amigo atinge proporções paradoxais.

O terreno que Moniz reservou para Cid está minado por múltiplos apertes, insinuações, acusações e tiradas irónicas que não apenas o desfavorecem nesse impossível terçar de armas entre mortos e vivos, como o responsabilizam historicamente, à partida, pelo baixo número de leucotomias em Portugal. Nessa polémica fantasmática que Moniz recria na carta a Freeman, ele reserva-se uma intervenção no estilo da *discussão* (no sentido *dascaliano*), confrontando o amigo com a *prova* da sua afirmação (as melhorias do estado dos leucotomizados), dando-nos o espectáculo de Cid estar também a ver tão bem como ele os resultados positivos no pós-operatório, recusando-os, todavia, sob o pretexto de que, aparte a *calma* que se verificava, o *fundo psicótico* persistia. Entretanto, ao amigo Cid Moniz distribui o papel do disputante que (recorrendo, uma vez mais, às divisões dascalianas da polémica) traz à colação pretextos extracientíficos, roçando mesmo, por vezes, a má fé, o émulo incómodo, a inveja.

Beneficiando Moniz de uma espécie de variante do *efeito Mateus*, acumulando prestígio e notoriedade, que o foram tornando crescentemente alvo de maior reconhecimento dos seus pares, enquanto as teses de Sobral Cid foram, pela mesma razão, desvalorizadas, despromovidas e eclipsadas.

Mais uma vez, as duas ideias que estruturam o *complexo do farol* (a do *supra-ordenamento* e a da *inevitabilidade*) ajudam a compreender porquê, a par de outros factores pertinentes que marcaram o ambiente da época, a diversidade da argumentação não foi valorizada, os protagonistas se retraíram e o enquistamento ideológico tolheu a possibilidade de a polémica se realizar.

---

<sup>44</sup> Id., *ibid.*

<sup>45</sup> Id., *ibid.*, p. 121.

Sustentando os preconceitos desvalorizadores do papel esclarecedor que a polémica pode revestir, relativizadores dos princípios e normas de carácter ético, as duas ideias do *complexo de farol* exercem a sua influência isolacionista e bloqueadora. A mundividência que produzem isola-nos, impõe-nos ritmos de execução que dificilmente se compaginam com a cadência da reflexão e da crítica, desenhando-nos um futuro incontornável e irrenunciável.

Duas ideias que tendem a fechar estéril e perigosamente a ciência no cientismo, evitando a exposição ao contraditório e passando, quase sempre, ao largo da polémica.

### BIBLIOGRAFIA

- AAVV. (2002), *Functional Neurosurgery for Severe Psychiatric Disorders*, Comité Consultatif National d'Ethique pour les Sciences de la Vie et de la Santé.
- BEN-DAVID, JOSEPH, e SULLIVAN, TERESA A. (1975), «Sociology of science», in *Annual Review of Sociology*, vol. 1, pp. 203-222.
- CASCAIS, A. FERNANDO (2002), «Genealogia, âmbito e objecto da bioética», in João Ribeiro da Silva, António Barbosa e Fernando Martins Vale *et al.* (coords.), *Contributos para a Bioética em Portugal*, Lisboa, Centro de Bioética da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa/Edições Cosmos, pp. 47-136.
- CASTELO BRANCO, MIGUEL (2000), «O legado de Egas Moniz», in A. L. Pereira e J. R. Pita (coords.), *Egas Moniz em Livre Exame*, Coimbra, Minerva.
- CORREIA, MANUEL (2000), «Projecto COMBO», in M. E. Gonçalves (org.), *Cultura Científica e Participação Pública*, Oeiras, Celta, pp. 231-241,
- CORREIA, MANUEL (2004), «O político na sombra do cientista (1) – Considerações acerca da importância e do alcance de dois enigmas monizianos — o ‘periférico’ e o ‘político’», in *Vértice*, n.º 119, Lisboa, Setembro-Outubro, pp. 57-74.
- CORREIA, MANUEL (2005), «O político na sombra do cientista (2) – Liberal ou conservador?, investigador científico e místico da objectividade», in *Vértice*, n.º 123, Lisboa, Julho-Agosto, pp. 20-38.
- DASCAL, MARCELO (1997), «Epistemology, controversies and pragmatics», comunicação apresentada na *Conference on After Postmodernism*, Universidade de Chicago ([http://www.focusing.org/apm\\_papers/dasca12.html](http://www.focusing.org/apm_papers/dasca12.html)).
- DASCAL, MARCELO (1999), «A polémica na ciência», in *A Ciência tal qual Se Faz*, Lisboa, Sá da Costa.
- EL-HAI, JACK (2005), *The Lobotomist*, Nova Jérсия, Wiley.
- FEIJÓ, RUI, MARTINS, HERMÍNIO, e PINA CABRAL, JOÃO DE (eds.) (1983), *Death in Portugal — Studies in Portuguese Anthropology and Modern History*, Occasional Papers n.º 2, Oxford, Jaso.
- GARCIA, J. LUÍS (2003), «Sobre as origens da crítica da tecnologia na teoria social. A visão pioneira negligenciada da autonomia da tecnologia de Georg Simmel», in Herminio Martins e J. Luís Garcia (coords.) (2003), *Dilemas da Civilização Tecnológica*, Lisboa, ICS.
- GONÇALVES, M. E. (org.) (2000), *Cultura Científica e Participação Pública*, Oeiras, Celta.
- GONÇALVES, M. E. (org.) (2002), *Os Portugueses e a Ciência*, Lisboa, Dom Quixote.
- LEHMANN, HEINZ E. (1955), «Therapeutic results with *Clorpromazine*», in *Canadian Medical Association Journal*, vol. 72, 1955, pp. 91-99.

- LIU, CHARLES Y., e APUZZO, MICHAEL L. J. (2003), «The genesis of neurosurgery and the evolution of the neurosurgical operative environment», parte 1, «Prehistory to 2003», in *Neurosurgery*, 52, pp. 3-19.
- JEANNEROD, MARC (2000), *Sobre a Fisiologia Mental. História das Relações entre Biologia e Psicologia*, Lisboa, Instituto Piaget.
- MARTINS, HERMÍNIO (1983), «Tristes durées — introduction», in Rui Feijó, Hermínio Martins e João de Pina Cabral, *Death in Portugal — Studies in Portuguese Anthropology and Modern History*, Occasional Papers n.º 2, Oxford, Jaso.
- MARTINS, HERMÍNIO (1996), *Hegel, Texas e Outros Ensaios de Teoria Social*, Lisboa, Edições Século XXI.
- MARTINS, HERMÍNIO, e GARCIA, J. LUÍS (coords.) (2003), *Dilemas da Civilização Tecnológica*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- MARTINS, HERMÍNIO (2003), «Aceleração, progresso e *experimentum humanum*», in Hermínio Martins e J. Luís Garcia (coords.) (2003), *Dilemas da Civilização Tecnológica*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- MERTON, ROBERT (1973), *Sociology of Science*, Chicago, University of Chicago Press.
- MILHEIRO, JAIME (1999), «Egas Moniz na psiquiatria e na psicanálise», in AAVV, *Homenagem a Egas Moniz*, Porto, Fundação de Serralves.
- MONAD-KROHN, G. H (1938), *The Clinical Examination of the Nervous System*, Londres, H. K. Lewis & Co., Ltd.
- MONIZ, EGAS (1936), «Les premières tentatives opératoires dans le traitement de certaines psychoses», in *Encéphale*, n.º 31.
- MONIZ, EGAS (1954), *A Leucotomia Está em Causa*, Lisboa, Academia das Ciências Médicas.
- MORGADO PEREIRA, JOSÉ (2000), «O início da Leucotomia em Portugal e a querela entre Egas Moniz e Sobral Cid», in A. L. Pereira e J. R. Pita (coords.), *Egas Moniz em Livre Exame*, Coimbra, Minerva.
- PEREIRA, A. L., e PITA, J. R. (coords.) (2000), *Egas Moniz em Livre Exame*, Coimbra, Minerva.
- QUINTAIS, LUÍS (2001), «Medicalização da experiência e intencionalidade: a aceitação de uma nosologia como motivo e justificação da história», in *Etnográfica*, vol. v, n.º 2.
- REICH, WARREN THOMAS, *et al.* (eds.) (1982), *Encyclopedia of Bioethics*, 4 vols., Nova Iorque e Londres, Macmillan/Free Press.
- ROCHA MELO, A. (2000), «Egas Moniz e a neurocirurgia», in A. L. Pereira e J. R. Pita (coords.), *Egas Moniz em Livre Exame*, Coimbra, Minerva.
- SOBRAL CID (1983), *Obras*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- THORNTON, ROBERT (1995), «The peculiar temporality of violence», in *Seminar n.º 1. Johannesburg, CSVR – Centre for the Study of Violence and Reconciliation*.